

PORTUGAL E OS MODERNISTAS NAS TRILHAS DA CORRESPONDÊNCIA DE RONALD DE CARVALHO

Prof.^a. Dr.^a. Mirhiane Mendes de Abreu¹ (Unifesp)

RESUMO:

O conjunto epistolográfico de escritores modernistas deixa perceber o objetivo claro de divulgar e discutir a literatura brasileira. No caso específico de Ronald de Carvalho, que colaborou com as revistas *Orpheu* e *Terra de Sol* (para nos restringirmos a dois exemplos expressivos), a leitura de suas cartas permite rastrear, interpretando, os pressupostos críticos e culturais que sua geração trilhou com Portugal, seja este país como tema, seja como imprescindível interlocutor para se erigir a modernização cultural do Brasil. Diante destas observações, esta comunicação pretende apresentar e debater os dilemas da intelectualidade brasileira durante as primeiras décadas do século XX, entendendo que o exame da correspondência de Ronald de Carvalho configura-se como espaço onde se explicitam os problemas emblemáticos do homem e da sua época. Lida em seu contexto, a correspondência de Ronald de Carvalho, em amigável tom de conversa, enuncia e identifica o cenário intelectual dos anos 20, porque tanto marca a urdidura da instauração do modernismo, descrevendo as figurações do ambiente literário daquele contexto, quanto elucida os mecanismos intelectuais para esse fim, problemas que evidenciam o lugar de Portugal e os mais diversos sentidos atribuídos ao próprio ato de escrever cartas.

PALAVRAS-CHAVE:

Ronald de Carvalho. Portugal. Modernistas. Correspondência

ABSTRACT:

The correspondence of modernist writers reveals clearly the objective of promotion of Brazilian literature. Specifically Ronald de Carvalho, who collaborated with magazines such as *Orpheus* and *Terra de Sol*, reading his letters allows tracking, interpreting, critics and cultural assumptions that trailed his generation with Portugal, is this country as a theme, either as an indispensable interlocutor to erect the cultural modernization of Brazil. Given these considerations, this communication aims to present the dilemmas of Brazilian intellectuals during the first decades of the twentieth century, considering that the examination of the correspondence of Ronald de Carvalho shows up as a space where they explain the problems emblematic of the man and his era. From this angle, reading his letters, we can identify the intellectual scene of those years, as well as mark the warp the forefront of concerns, describing the literary figurations of the environment, exposing the bottlenecks experienced then showing the place of Portugal and the act of writing letters itself.

¹ Mirhiane Mendes de Abreu é professora adjunta de literatura brasileira do Departamento de Letras da Unifesp. Graduada em Letras pela UFF, mestre e doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp, onde fez também pós-doutorado na área de Literatura Brasileira. Atualmente, desenvolve a pesquisa “De malas prontas: a viagem e o modernismo em Ronald de Carvalho”, no âmbito da qual executou estágio de pesquisa na Sorbonne Nouvelle Paris 3. Esta pesquisa inclui-se no projeto internacional intitulado *Artífices da correspondência*, sediado no IEB/USP, em parceria com a instituição francesa Sorbonne, Paris 3.

KEYWORDS:

Ronald de Carvalho. Portuguese. Modernists. Correspondence

1. Considerações iniciais:

O conteúdo exposto neste trabalho participa de um conjunto maior da pesquisa que venho realizando sobre a obra intelectual de Ronald de Carvalho, poeta e diplomata das primeiras décadas do século XX. Circunscrevê-lo a estes anos equivale a abranger desde a vivência da *Belle Époque* até os dilemas que atravessaram os intelectuais do movimento modernista. Equivale, ainda, a lançar luzes sobre as vanguardas, cujos pressupostos este autor conhecia de perto, especialmente em razão de sua carreira diplomática, já que, nesse exercício, atuou em Paris, lugar para onde dirigiam-se avidamente os intelectuais daquela geração. Assim apresentados, o nome e a carreira de Ronald de Carvalho, embora esmaecidos pelo tempo, permitem-nos conhecer as figurações culturais daquele contexto porque passamos a conviver com as personalidades e os impasses então vividos. Para isso, em linhas gerais, o mergulho nesse contexto se manifesta, nesta exposição, por meio de fontes primárias, notadamente a correspondência, veículo fundamental de circulação dos debates no tempo em apreço.

Quem se dedica a pensar “a que será que se destinam as relações literárias luso-brasileiras”, coloca-se tanto no ânimo da reflexão, quanto no da observação de ações e acontecimentos relevantes. No que me concerne, creio que a correspondência e seu estudo permitem uma abrangência para ambas as disposições de refletir e observar. Em alguns dos seus melhores momentos, a literatura se entronca com a carta e ambas podem muito para conhecermos experiências singulares, quer pessoais, quer coletivas. Lançando mão do tema do evento, tão expressivo, farei aqui uma associação para evocar os destinos de uma na outra. Em outras palavras, trata-se de expor o porquê de Ronald de Carvalho e suas relações epistolares no exame acurado dos bastidores do processo de modernização da literatura brasileira no interior do quadro histórico-cultural do país nos anos anteriores e ao longo da década de 1920.

2. Cartas e cartas de Ronald de Carvalho: a que será que se destinam?

Ao analisarmos o sistema de relações que propiciaram a reflexão crítica naquele contexto de novos ares estéticos, a figura de Ronald de Carvalho adquire acento em decorrência da situação intelectual e política prestigiada que ocupou. No relato que faz sobre o movimento modernista, Raul Bopp o inclui no seletivo círculo formado por Graça Aranha, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida, Menotti del Pichia, Sérgio Milliet e Sérgio Buarque de Holanda (BOPP, 1966; p. 37), uma lista de nomes capaz de sugerir possibilidades de diálogos textuais, nos quais suas cartas se inserem. Esse é o círculo brasileiro. Do lado português, destaca-se, a título de ilustração, a carta de Fernando Pessoa a respeito de *Luz Gloriosa*, livro de poemas de Ronald (PESSOA, 1999), além de inúmeras incursões do brasileiro em periódicos portugueses e luso-brasileiros, como *Orpheu*, *Terra de Sol*, *A Rajada*, revistas em que colaborou como poeta ou ensaísta. Tais informações importam para aquilatarmos os nomes e os episódios com os quais podemos nos deparar no interior desse epistolário, que lançam luzes para discutirmos a que se destinam essas relações, tanto no tempo presente, quanto no pretérito. Afinal, quando Ronald envolvia-se com Almada Negreiros, Fernando Pessoa, João de Barros, Montalvor e outros, a antiga colônia portuguesa almejava impor-se com feição própria, colhendo, de modo decisivo, os frutos semeados ao longo dos oitocentos, discutidos pelos novos ares de vanguarda.

Como se sabe, a escrita epistolar manifestou-se como espaço propício para as formulações coletivas no contexto de efervescência intelectual do modernismo, tanto por exercer a função de "laboratório" do processo criativo (quer individual, quer coletivo), como pela atribuição de valor documental que passou a adquirir com o desenrolar dos anos. Desse ângulo, destaca-se como primeiro destino da carta a possibilidade de se acompanhar os diversos esboços de criação de uma obra, permitindo a leitores futuros a faculdade de se acompanhar um projeto coletivo em curso, tendo em vista uma exposição à vontade de parâmetros críticos. Da perspectiva adotada nesta apresentação, a correspondência não é um simples vestígio daquele universo, mas o lugar privilegiado onde podemos entrever os principais traços da identidade cultural dos anos 20; traços esses que, problematizados, podem nos levar a compreender as forças políticas que cooperaram com a carreira de êxito de Ronald de Carvalho e seu subsequente esquecimento na história literária. A tentativa de recompor os vínculos do autor de *Jogos Pueris* com a socialidade circundante implica não apenas conjugar as informações obtidas nessas fontes primárias, mas

perceber que elementos concorreram para a definição dos caminhos desse modernista no decênio de 1920, uma vez que na sua trajetória se entrecruzam questões estreitamente relacionadas ao desenvolvimento da modernização cultural.

Como segundo destino para o estudo de cartas, ressalta a conjugação do biográfico com a história da cultura. Dentre os aspectos preponderantes desse momento impulsionados pela correspondência, destacam-se as estratégias de afirmação das novas idéias (mecanismos de elaboração dos manifestos, colaborações em revistas, seja na forma de ensaios ou obras de criação, seja pelo apoio financeiro); o investimento na poesia com a exploração dos limites do gênero (verso livre, poema em prosa, poema piada, etc.); a atividade de cada um encarada sob a forma de "missão"; e a constituição dos salões. Por fim, o terceiro destino reside na prática recorrente de fazer a produção literária circular pela correspondência. Entre o grupo dos modernistas, isso se fez sentir de modo expressivo, tal o modo pelo qual suas obras foram lidas e criticadas pelos pares, possibilitando, assim, um debate coletivo. Incluída a correspondência de Ronald nesse âmbito, o pesquisador de hoje pode estabelecer uma adequação entre os dados confortavelmente admitidos quando se trata desse período, notadamente no tocante às relações portuguesas, e também permitem matizar a imagem sempre segura e triunfal do movimento, restrito à capital paulista.

A figura de Ronald de Carvalho era proeminente no quadro político-cultural daquele contexto: em 1935, aos 41 anos, quando faleceu em decorrência das complicações de saúde provocadas por um acidente de automóvel no Rio de Janeiro, o escritor ocupava o cargo de Ministro Plenipotenciário do Presidente Getúlio Vargas, recebendo um funerário próprio de um funcionário do alto escalão do governo. A leitura de jornais da ocasião do acidente e morte do autor demonstra a situação de prestígio em que ele se encontrava, em razão da ampla cobertura do fato por toda imprensa nacional, conforme ilustram os seguintes títulos: *Diário de Notícias* e *A Tarde* (Bahia), *A União* (Paraíba), *Correio de S. Paulo*, *O Jornal* e *Diário da Noite* (Rio de Janeiro), *O Comércio* (Cruz Alta, RS), *O Povo* (Fortaleza), *Jornal do Comércio* (Recife), *Correio do Paraná* (Curitiba). Periódicos estrangeiros também fizeram circular a notícia do acidente e manifestaram notas de pesar pelo falecimento, como *Le Brésil – Journal des Nations Américaines* e o mexicano *Diario del*

*Comercio*². Sobre esse aspecto, dá mostras Antonio Ferro no texto “De Portugal para o Brasil”, especial para *A Noite*, em 25 de maio de 1935, interpretando ao seu modo a passagem do amigo entre os portugueses e os esforços empregados para esse fim. A finalidade do ensaio era discorrer sobre a política do Estado Novo em relação à emigração e ao intercâmbio cultural entre os dois países, o que deveria ser feito tanto pela publicação mensal de revista luso-brasileira, quanto pela adoção de medidas práticas, como facilidades aduaneiras e postais. Ao abordar esse último aspecto, Antonio Ferro ressentia-se da morte de Ronald de Carvalho, dizendo:

Sofri imenso desgosto com o desaparecimento do Ronald. O grande escritor brasileiro era um símbolo do nosso intelectualismo. Posso afirmar que foi uma ponte intelectual entre Brasil e Portugal. Uma grande perda para ambos os países. Ronald, estudando os problemas sociais brasileiros, nunca hostilizou Portugal. Conheci-o na minha primeira estada ao Brasil e tive a honra de ser apresentado por ele ao público e aos intelectuais, quando da minha primeira conferência. (FERRO, 1935)

Desse ângulo, pode-se aquilatar o quanto, para o projeto de modernização da época, foram relevantes os mecanismos de escrita e circulação da nova poética, cujos pontos nevrálgicos podem ser percebidos pelo fragmento acima, que se trata apenas de um eco dos diálogos com a intelectualidade portuguesa proeminente no período. Abel Barros Baptista, quando redige um verbete sobre Ronald de Carvalho para o *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (APUD: MARTINS, 2008; pp. 145-147), problematiza a ideia difundida por Manuel Bandeira a respeito do poeta carioca na sua *Apresentação da Poesia Brasileira* (1946). Nela, Bandeira ressalta a pouca influência exercida pela vanguarda portuguesa na poesia de Ronald, apesar do contato estabelecido por ocasião da colaboração com a referida revista, e sustenta que a adesão dele ao modernismo seria fruto da viagem de Mário de Andrade e Oswald de Andrade ao Rio de Janeiro em busca de adeptos para a nova proposta. Da perspectiva de Abel Baptista, a consideração de Bandeira importa em virtude do apelo retórico para a definição do modernismo brasileiro e dos estudos literários engendrados pelo período, tese inscrita também e mais amplamente desenvolvida na sua obra *O Livro Agreste* (BAPTISTA, 2005). O pressuposto formulado pelo

² Esse conjunto de periódicos cujas manchetes referem-se ao acidente e à repercussão da morte do autor encontra-se no acervo pessoal do escritor, que, em virtude da generosidade dos descendentes, teve a oportunidade de consultar e oferecer uma organização prévia. Tratava-se do contexto da pesquisa de pós-doutoramento que realizei na Unicamp, quando pude transferir o referido acervo para esta instituição.

professor português é delineado em oposição à ideia de um suposto "fosso" que separaria Brasil de Portugal durante o período; idéia exposta por Antonio Candido no ensaio "Literatura e cultura de 1900 a 1945" (CANDIDO, 1985).

Seja como for, esse debate remete-nos ao fato de que o modernismo brasileiro aproximou-se do português por motivos e meios diversos. Possibilitar a circulação de escritores brasileiros em Portugal e de escritores portugueses no Brasil é um deles, ao que se soma também a circulação de periódicos e até mesmo a criação de revistas comuns (*Terra de sol* talvez seja o exemplo mais conhecido), como demonstra o depoimento de Antonio Ferro mais atrás comentado. A aproximação dos dois modernismos envolve, para além da chave interpretativa colônia-metrópole, o universo das diferenças e singularidades culturais e políticas brasileiras e portuguesas frente ao cenário internacional. É fato que a intelectualidade brasileira amadurecia nesse contexto do tempo modernista e buscava canais de institucionalização e divulgação da sua cultura, o que faz o problema da sua autonomia sempre constante nas formulações dos autores da época, bem como nos exames sobre o período. Isso não significa, porém, que, a despeito da posição de país periférico, o Brasil tenha repellido Portugal naquele contexto, inclusive porque este importava ao plano pragmático da divulgação do novo ideário. Se os escritores brasileiros voltam-se para suas próprias raízes na dinâmica criadora dos seus trabalhos, Portugal tornava-se relevante para o ambicionado programa de internacionalização dessa literatura renovada porque porta de entrada dos brasileiros na Europa. A figura de Ronald de Carvalho no interior desse projeto de universalização importava aos dois países. A maneira cosmopolita com que se relacionou com a cultura revela que seu projeto de modernização envolvia a envergadura do exercício diplomático.

Em todas as etapas da instauração e institucionalização do programa modernista e modernizador, é incisiva a participação de Ronald de Carvalho, seja como colaborador, seja como agente cultural. São atividades que ressaltam o interesse pelo intercâmbio entre países como etapa fundamental para a nova orientação da literatura brasileira, intercâmbio propiciado, entre outros meios, pela sua correspondência. Se a atuação de Ronald de Carvalho nesse convívio luso-brasileiro é determinante, vale destacar que não foi exclusividade sua. Afora os conhecidos estudos e interesses de Manuel Bandeira pela cultura portuguesa, Mário de Andrade fez de Portugal tema de algumas de suas crônicas e atividades críticas (ANDRADE, 1993, p. 242-5; ANDRADE, 2002) e manteve importante correspondência com José

Osório de Oliveira, propagandista da literatura brasileira em terras lusitanas³. O diálogo entre os dois intelectuais, um brasileiro e outro português, não se restringe a embates ortográficos. Suas preocupações vão ao encontro das relações entre os dois países e destacam os entraves e os avanços para o intercâmbio político-cultural entre eles. Em resumo, esses contatos ilustram os mecanismos para produção e circulação das obras literárias da época e que fazem da correspondência importante veículo. De volta a Ronald, a sua trajetória e sua correspondência fundamentam o exame daquilo a que Antonio Candido chamou de sistema literário, uma vez que grande parte das suas atividades visava a constituir e reforçar a circulação das obras entre os autores e seu público (CANDIDO, 1981, pp. 23-25).

As relações portuguesas de Ronald de Carvalho e os caminhos que trilhou para constituir a modernização cultural do seu país definem de modo expressivo a urgência do diálogo com Portugal vivenciado pelos modernistas. Urgência esta que pontuava as duas nações em seus projetos de adesão às vanguardas. Essas aproximações marcam os dilemas da intelectualidade brasileira naqueles anos, momento em que se multiplicou a produção ensaística, mecanismo de reflexão sobre o Brasil, nas suas mais variadas manifestações e sobre a qual Ronald incidiu sobejamente, especialmente no tocante à quantidade de ensaios por ele redigidos. A pesquisa que venho realizando entende que o exame da sua correspondência configura e acentua os diversos contextos em que o intelectual brasileiro atuou para tornar mais profícuo e ágil o projeto de atualização. Falar de suas cartas é falar de uma escrita de finalidade estética e institucionalizadora porque são textos que desenham o empenho pragmático dos escritores naquele período. Apesar de minguados exemplares, explicitam os problemas emblemáticos do homem e da sua época. Vistas pelo ângulo da classificação temática que proporciona, sua correspondência codifica os mecanismos de relação social e as estratégias de elaboração que atravessaram a conjuntura do modernismo.

3. O que repercute das cartas de Ronald de Carvalho?

³ José Osório de Oliveira dedicou-se à literatura brasileira no período de 1920 a 1940, aproximadamente, escrevendo obras de divulgação de escritores brasileiros em seu país. Em "Um espelho do Brasil e de Portugal: Mário de Andrade e José Osório de Oliveira", Ricardo Carvalho destaca o debate estabelecido entre os dois escritores, que se manifestou, além da troca de cartas (hoje arquivadas no IEB/USP), através da leitura e das anotações que um fez da obra do outro (CARVALHO, 2007, pp. 208-213).

O conjunto epistolográfico deste escritor carioca deixa perceber o desejo de divulgar a literatura brasileira e permite rastrear, interpretando, o desenvolvimento de construção dos seus pressupostos críticos, especialmente quando confrontados com seus ensaios. Ao elaborar a *Pequena História da Literatura Brasileira* (1919), estabelecida segundo fundamentos de ordem oitocentista (fundamentos estes que aspiravam identificar a nacionalidade literária nas obras, pautando-se, assim, por um princípio de representação), Ronald de Carvalho não adere completamente aos novos paradigmas modernistas, mas busca uma síntese interpretativa da cultura do país pelo viés comparatista. Se não vai além da herança oitocentista, o historiador tampouco compõe sua reflexão como um processo cumulativo de nomes e obras, mas distingue, no balanço da literatura brasileira, o caminho percorrido para a aquisição de uma personalidade estética própria, adquirida por aqueles que souberam manipular os diversos elementos a que a criação está submetida, o que inclui a capacidade de operar com a tradição literária, nacional ou estrangeira, e inserir na sua criação a autocrítica e a autorreferencialidade, entrelaçando consciência artesanal com fazer poético (CARVALHO; 1968).

Esse entrelaçamento pode ser compreendido se compararmos seus ensaios com sua epistolografia. Graças a esses documentos privados, é possível perceber a trajetória intelectual de Ronald de Carvalho e focalizar o interior daquele projeto cultural e coletivo que foi a instauração do modernismo. Mário de Andrade talvez seja o escritor a cujas cartas mais se tenha acesso dado o zelo com o qual conservou sua correspondência. Nas cartas que Ronald lhe enviou, pode-se perceber um escritor que deseja divulgar a nova literatura e que, ao dirigir-se ao amigo, deixa traços importantes para a recomposição memorialística do modernismo. Diante disso, venho analisando o conjunto epistolar de Ronald a partir de quatro aspectos capazes de esboçar seus padrões composicionais e organizar seu perfil biográfico-intelectual nos meandros da construção da poética modernista. São eles: 1) mais propenso à ação coletiva, refere-se ao Ronald divulgador da cultura brasileira; 2) de viés crítico-memorialístico, compartilhamento da dinâmica criadora, sua e de seu destinatário; 3) de finalidade auto-reflexiva, compreende a análise de seu próprio traçado poético; e, por último, 4) remonta às relações internacionais, seja em direção à América Latina, seja a Portugal.

Este último aspecto é o que diz respeito a esta comunicação. A perspectiva dos vínculos entre Brasil e Portugal naquele período pode ser bem ilustrada por uma

carta a Antonio Ferro, a qual, além de ir ao encontro dos ensaios e das conferências do crítico carioca acerca do assunto, restabelece o propósito de divulgar e agenciar o intercâmbio cultural entre os países, propósitos adotados por Ronald de Carvalho como seus. Escrita em setembro de 1922, este exemplar retoma a apresentação de Antonio Ferro feita por Ronald de Carvalho, quando da sua estada no Brasil:

Folgo em saber que os nossos amigos de São Paulo acolheram as suas conferências com entusiasmo e sinceridade. Quando aparecerá o seu livro editado por Lobato? Que venha prontamente. Mando-lhe, com muita satisfação, as palavras que escrevi para a festa do Trianon, e agradeço-lhe a carinhosa idéia que v. teve de juntá-las à sua nova e maravilhosa estética. (APUD: Saraiva; 2004, p. 344).

Ronald de Carvalho proferiu o discurso de apresentação de Antonio Ferro quando da sua estada no Brasil, apontando o papel da tradição e da liberdade criadora como elementos construtores da sua poética. No fragmento dessa carta, o que se pode destacar são as referências ao intercâmbio vivido entre os escritores dos dois lados do Atlântico: a acolhida dos autores paulistas, publicação do livro português por editora brasileira, notícia de envio do discurso proferido e agradecimento. Ao serem relacionadas conferência e carta, podemos buscar proximidade com algumas das redes de sociabilidade da época, o que pode bem ser identificado nesses textos, os quais, por sua vez, também incidem sobre a conveniência para a formação de uma comunidade luso-brasileira, projeto que Ronald promoveu tanto em suas cartas, quanto no exercício da diplomacia e da política.

Por essa razão, o exame da epistolografia de Ronald de Carvalho deve ser feito com referência ao complexo cultural em que se insere, especialmente porque a relação com o modernismo português é parte incontornável no exame do modernismo brasileiro. Em "Relações culturais luso-brasileiras: alguns pontos de confluência", Lúcia Maria Paschoal-Guimarães examina como o intercâmbio entre os intelectuais das duas margens do Atlântico nas primeiras décadas do século XX fortaleceram os laços institucionais, a partir de 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, o que foi impulsionado, dentre outros fatores, pelas relações literárias luso-brasileiras (PASCHOAL-GUIMARÃES, 2007, pp. 256-264). Diante disso, para além da amizade, o estudo das singularidades da correspondência de Ronald de Carvalho permite assinalar os elementos e as forças políticas que levaram um intelectual como ele a ocupar o cargo de ministro do governo Getúlio Vargas. Se a valorização da

nacionalidade foi profícua no Brasil modernista, parece-me que, da perspectiva de um intelectual como o crítico carioca aqui estudado, o diálogo com Portugal favorecia de modo mais ágil os projetos modernizadores de ambos os países.

Além das colaborações de Ronald de Carvalho para os periódicos de vanguarda portuguesa, o intercâmbio cultural que buscou com os intelectuais daquele país retrata a concepção que tinha do papel pragmático de crítico e diplomata nesse contexto: sua ambição era divulgar a literatura, buscando oferecer-lhe uma organização tal que permitisse conferir estabilidade para a cultura do país. No seio desse relacionamento, é possível inferir que a pretendida aproximação, iniciada pelo viés cultural, favoreceu não apenas a cooperação intelectual, mas pode ter propiciado o êxito da sua carreira política.

Conforme Ronald de Carvalho compõe sua feição através de correspondência, conferências e atuação diplomática, vai incorporando em cada uma dessas atividades a visão moderna e modernizadora da cultura. Para ele, a existência de grandes talentos esparsos ao longo do tempo não bastava para estabelecer uma literatura organizada, era preciso ainda criar canais institucionais que garantissem o estabelecimento de uma tradição enraizada e duradoura. É, então, no sentido da institucionalização da cultura brasileira que Ronald dirige seus esforços, escrevendo ensaios de divulgação, o que se prolonga através do intercâmbio social e cultural com outros países, notadamente Portugal.

Em síntese apertada, podemos nos encaminhar para conclusão, informando que, para o espaço da sua epistolografia, convergem personagens (Oswald, Cendras, Emilio Soto, Álvaro Pinto, Antonio Ferro), situações (problemas editoriais, posições intelectuais divergentes), confrontos e ambiência histórica, tudo isso num tipo de escrita que trabalha enfaticamente na forma da apresentação, preocupada com a exposição dos argumentos, o que incide sobre os impasses e as polêmicas atravessadas pela época, o que vai além de afáveis laços de amizade. Lida em seu contexto, a correspondência de Ronald de Carvalho, pelo seu tom de conversa, enuncia e identifica o cenário intelectual dos anos 20, porque tanto marca a urdidura da instauração do modernismo, descrevendo as figurações do literário daquele contexto, quanto elucida os mecanismos intelectuais para esse fim, o que inclui a heterogeneidade das opiniões. Importa ressaltar, porém, que os efeitos propiciados pela correspondência são determinados pelas marcas temporais do momento da

escrita, cujo impacto, no seio do modernismo, por maior que seja, é também um ato de criação e se apresenta como um dos mecanismos de apreensão daquele momento.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Mário. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Organização, introdução e notas Marcos Antônio de Moraes. São Paulo: Edusp, 2^a ed., 2001.

BAPTISTA, Abel Barros. *O livro agreste: ensaio de curso de literatura brasileira*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2005.

BOPP, Raul. *Movimentos modernistas no Brasil: 1922-1928*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.

CANDIDO, Antonio. "Literatura e cultura de 1900 a 1945". In: *Literatura e sociedade*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

CARVALHO, Ricardo Souza de. "Um espelho do Brasil e de Portugal: Mário de Andrade e José Osório de Oliveira". In: *Scripta*. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do Cespuc. Belo Horizonte: Editora PUC- Minas; v. 11, n. 20, p. 207-213, 2007.

CARVALHO, Ronald. *Pequena história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia. Editores, 1968.

MARTINS, Fernando Cabral. *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa: Caminho, 2008.

PASCHOAL-GUIMARÃES, Lucia Maria. "Relações culturais luso-brasileiras: alguns pontos de confluência". In: *Convergência Lusíada*. Nº 24. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2º semestre, 2007.

PESSOA, Fernando. *Correspondência (1905-1922)*. Organização de Manuela Parreira da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SARAIVA, Arnaldo. *Modernismo brasileiro e modernismo português*. Subsídios para a história das suas relações. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.